

# INSTRUMENTOS PARA A PESQUISA SOCIAL: NOÇÕES BÁSICAS

Maritânia Salete Salvi Rafagnin<sup>1</sup>

Marina Nogueira Madruga<sup>2</sup>

Darlene da Silva Furtado<sup>3</sup>

Resumo: Este estudo tem por objetivo discutir os instrumentos de coleta de dados e sua contribuição para a pesquisa social. A partir de uma pesquisa bibliográfica, buscou-se descrever os roteiros: 1. para entrevistas abertas, semi-estruturadas e com grupos focais; 2. para entrevistas estruturadas e questionários; 3. para observação participante e diário de campo; e 4. para pesquisas documentais. Com as análises realizadas, verificou-se que os instrumentos são em certa medida, neutros, pois é o pesquisador que define a sua estrutura. Ainda, identificou-se que nas investigações científicas, dois ou mais instrumentos podem ser usados, uma vez que cada qual privilegia um olhar do pesquisador e dos sujeitos sobre o objeto de estudo, tornando possível ao investigador apreender as múltiplas determinações do fenômeno social em análise. Por fim, pode-se concluir que todos os instrumentos, sejam eles elaborados com enfoque direcionados para pesquisas quantitativa ou qualitativa, são de suma importância para a pesquisa social, porquanto abordam diferentes

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos e Mestra em Política Social pela Universidade Católica de Pelotas – UCPel, bolsista da CAPES.

<sup>2</sup> Mestranda Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos e Bacharela em Direito pela Universidade Católica de Pelotas – UCPel, bolsista da CAPES.

<sup>3</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos pela Universidade Católica de Pelotas – UCPel.

compreensões sobre os objetos de estudo na área social.

**Palavras-Chave:** Instrumentos para coleta de dados; Pesquisa Social; Pesquisa qualitativa; Pesquisa quantitativa.

**Abstract:** This study aims to discuss the data collection instruments and their contribution to social research. Based on a bibliographic research, we sought to describe the scripts: 1. for open, semi-structured interviews with focus groups; 2. for structured interviews and questionnaires; 3. for participant observation and field diary; and 4. for documentary research. With the analyzes performed, it was found that the instruments are to some extent neutral, as it is the researcher who defines their structure. Furthermore, it was identified that in scientific investigations, two or more instruments can be used, since each one privileges a researcher's and subjects' view on the object of study, making it possible for the researcher to grasp the multiple determinations of the social phenomenon under analysis. . Finally, it can be concluded that all instruments, whether they are designed with a focus on quantitative or qualitative research, are of paramount importance to social research, as they address different understandings of the objects of study in the social area.

**Keywords:** Data collection instruments; Social research; Qualitative research; Quantitative research.

## 1. INTRODUÇÃO

Os instrumentos de coleta de dados na pesquisa social objetivam fazer a mediação entre os marcos teóricos-metodológicos e a realidade empírica (MINAYO, 2014), podendo ser utilizados em diferentes metodologias e epistemologias. Precisam ser compatíveis com os métodos de pesquisa adotados, a fim de apreender todas as dimensões do fenômeno social em estudo.

Em vista disso, a presente pesquisa tem por objetivo discutir os instrumentos de coleta de dados e sua contribuição para a pesquisa social. Ademais, entendendo que cada instrumento se relaciona diretamente a uma técnica de pesquisa, buscar-se-á, relacionar as abordagens de pesquisas com os tipos de instrumentos utilizados, a fim de que se compreenda como estruturá-los e aplicá-los da melhor maneira.

Assim, o presente trabalho, além da introdução e considerações finais, estrutura-se a partir de um principal ponto de discussão, que trata sobre o que são instrumentos para a coleta de dados, como podem ser elaborados em diferentes pesquisas e qual a importância da utilização destes, dentro das abordagens quantitativa e qualitativa, para a pesquisa social.

Posteriormente, esse item principal subdivide-se em quatro subitens, sendo que primeiramente são discutidos os roteiros de entrevistas abertas, semi-estruturadas e para grupos focais. No segundo, aborda-se os roteiros de entrevistas fechadas e questionários. Fez-se tal opção em vista que os primeiros tipos de roteiro se destinam a pesquisas qualitativas, enquanto que no segundo as pesquisas são de cunho quantitativo.

Já no terceiro subitem, foram descritos o roteiro de observação participante e o diário de campo, pois são instrumentos que durante a realização da pesquisa empírica se coadunam. Por fim, abordou-se o roteiro para pesquisa documental, uma vez que os documentos também podem ser fontes valiosas de informações para a pesquisa social. Salienta-se que não se pretendeu esgotar o assunto, porém apenas discutir alguns dos principais pontos de cada um dos instrumentos a fim de contribuir sobre a sua utilização e importância para a área social.

## 2. INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS NA PESQUISA SOCIAL

Antes de abordar propriamente a conceituação e

estrutura dos instrumentos para coleta de dados, importa mencionar que não existem instrumentos distintos na pesquisa qualitativa daqueles empregados na pesquisa quantitativa. Isso porque, conforme Triviños (1987, p. 137) “[...] os questionários, as entrevistas etc. são meios ‘neutros’ que adquirem vida definida quando o pesquisador os ilumina com determinada teoria”. Logo, os instrumentos de coleta de dados que são usados na pesquisa quantitativa, podem ser também empregados na pesquisa qualitativa, sendo o pesquisador que define sua estrutura.

Sem dúvida alguma, o *questionário fechado*, de emprego usual no trabalho positivista, também o podemos utilizar na pesquisa qualitativa. Às vezes o pesquisador desta última linha de estudo precisa caracterizar um grupo de acordo com seus traços mais gerais (atividades ocupacionais que exercem na comunidade, nível de escolaridade, estado civil, função que desempenham nas associações de mães de vila etc.). A *escala de opinião* surgida junto a uma sondagem realizada junto aos sujeitos também a podemos usar como instrumento auxiliar na busca de informações. A *entrevista estruturada*, ou fechada, pode ser um meio do qual precisamos obter as certezas que nos permitem avançar em nossas investigações. A *observação dirigida*, estruturada, é capaz de ser útil para evidenciar, na prática, certos comportamentos que nos interessam colocar em alguma perspectiva ou convencer-nos da ausência. Inclusive os *formulários* e *fichas*, especialmente quando se trata de elementos físicos, nos podem ajudar a reunir dados que necessitamos. (TRIVIÑOS, 1989, p. 137-138, grifo do autor).

Verifica-se, então, que as diferentes combinações de instrumentos podem trazer dados que permitirão uma análise mais adequada do objeto de estudo, podendo-se até empregar instrumentos quantitativos dentro de uma pesquisa que é predominantemente qualitativa a fim de estabelecer mais consistência e riqueza de dados empíricos para análise.

Ainda, outro ponto fundamental a ser levado em consideração é que o tipo de pesquisa e abordagem pretendidos, já direcionam os instrumentos mais adequados para coleta de dados que poderão fornecer informações importantes, a fim de que

o pesquisador obtenha bons resultados. Nesse sentido, alerta Severino (2010, p. 124) que os instrumentos

[...] são os procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização das pesquisas. Como tais, podem ser utilizados em pesquisas conduzidas mediante diferentes metodologias e fundados em diferentes epistemologias. Mas, obviamente, precisam ser compatíveis com os métodos adotados e com os paradigmas epistemológicos.

Evidencia-se, também, que a abordagem, seja ela quantitativa ou qualitativa, é fundamental para que seja determinada a estrutura do instrumento. A exemplo disso, Groulx (2012) cita um tema abordado sob diferentes perspectivas, que na análise quantitativa, indica que a abordagem possibilita a construção de uma topografia da pobreza. Já esse mesmo tema, tratado na pesquisa qualitativa, pode encontrar a heterogeneidade das relações, a diversidade das trajetórias e das experiências, desvendar os processos múltiplos de exclusão social e estratégias plurais de sobrevivência – extraindo uma riqueza de novas informações que não são possíveis nas pesquisas quantitativas.

Acerca da importância da utilização da abordagem qualitativa para a pesquisa social, assevera Groulx (2012, p. 96) que essa ênfase busca renovar o olhar que se tem “[...] lançado sobre os problemas sociais e sobre os mecanismos profissionais e institucionais de sua gestão”, entrando em um espaço múltiplo e diverso de práticas que podem vir a modificar a percepção dos problemas, bem como suas avaliações de acordo com os programas e serviços.

Entretanto, Groulx (2012) aponta que alguns autores questionam, nos planos metodológicos e epistemológicos, a utilização da pesquisa qualitativa na pesquisa social. Contudo, há que se compreender que, diferente da pesquisa quantitativa, aplicada na pesquisa social através da classificação, organização e operacionalização de determinados fenômenos, a abordagem qualitativa, traz consigo um entendimento em profundidade sobre um problema social, levando em consideração o contexto, a

especificidade e a complexidade dos processos que permeiam o objeto de estudo.

A partir disso, portanto, verifica-se que o tipo de abordagem e de metodologia se relaciona diretamente com a seleção e estruturação dos instrumentos de coleta de dados, sendo que o sucesso ou fracasso de uma pesquisa depende diretamente da construção e aplicação adequada destes. Por esse motivo é que na sequência serão discutidos alguns instrumentos de coleta de dados, quais sejam: roteiro de entrevista (aberto; semi-estruturado; com grupos focais e estruturado); entrevista estruturada; questionário; observação participante; diário de campo e roteiro para análise de conteúdo. Não se pretende esgotar o assunto, mas elucidar os principais pontos a serem considerados na escolha de sua utilização, a fim de contribuir para uma adequada seleção e, conseqüentemente, a melhor obtenção de informações para o alcance dos objetivos da pesquisa.

## 2.1. ROTEIRO DE ENTREVISTA

Antes que seja discutido a constituição e a estrutura do roteiro de entrevista, é fundamental que se conceitue a entrevista, porquanto trata-se de uma “[...] técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação” (GIL, 2008, p. 109). Ainda, é flexível, pois sua estruturação pode variar conforme forem os objetivos da pesquisa.

Ademais, por ser uma “técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitada aos sujeitos pesquisados” (SEVERINO, 2010, p. 124), prevê a interação entre o pesquisador e o pesquisado, uma vez que o cientista social “[...] visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam” (SEVERINO, 2010, p. 124).

O roteiro de entrevista faz o intermédio entre o sujeito da pesquisa e o pesquisador. Entende-se por roteiro uma relação de

temas que se desdobram em indicadores qualitativos de uma investigação, uma vez que “essa lista deve ter, como substrato, um conjunto de conceitos que constituem todas as faces do objeto de investigação e visar, na sua forma e elaboração, a operacionalização da abordagem empírica do ponto de vista dos entrevistados” (MINAYO, 2014, p. 189).

O roteiro, também, conforme Minayo (2014), ao deter o formato final de sua elaboração, deve apresentar simplicidade, de modo que guie uma conversa com finalidade. Para isso, é importante que:

- (a) cada questão que se levanta, faça parte do delineamento do objeto e que todas se encaminhem para lhe dar forma e conteúdo; (b) permita ampliar e aprofundar a comunicação e não cerceá-la; (c) contribua para emergir a visão, os juízos e as relevâncias a respeito dos fatos e das relações que compõe um objeto, do ponto de vista dos interlocutores. (MINAYO, 2014, p. 189-190).

Logo, o roteiro será sempre um guia, devendo ser elaborado com vistas a facilitar o surgimento de novos temas durante o trabalho de campo, provocados através do diálogo com os sujeitos pesquisados. Corroborando, Gil (2008) também faz o alerta para o cuidado que se deve manter em relação ao objeto de estudo na construção do roteiro e aplicação deste instrumento, uma vez que abrir espaços para que surjam novos temas pode permitir que se perca o foco da pesquisa. Nisso reside a importância que se faça um pré-teste do roteiro, contribuindo para torná-lo mais claro e preciso (MINAYO, 2014).

Mesmo tomando-se todos esses cuidados iniciais, o roteiro de investigação qualitativa pode e deve ser modificado durante o processo interativo, quando o investigador percebe que determinados temas, não previstos, estão sendo colocados por seus interlocutores, apresentando-se como de elevada significância para eles. (MINAYO, 2014, p. 192).

Verifica-se então, a flexibilidade desse instrumento, que pode ser adaptado conforme a necessidade do pesquisador e das novas demandas que vão surgindo a partir da aplicação das entrevistas. Destaca-se ainda, que os roteiros de abordagem

qualitativa, distintamente da quantitativa, não são um somatório de depoimentos, porquanto “[...] a unidade de significação não é composta das somas de respostas de cada indivíduo para formar a relevância estatística. E, sim, ela se constrói por significados que conformam uma lógica própria do grupo ou, mesmo, suas múltiplas lógicas” (MINAYO, 2014, p. 192), trazendo para a pesquisa a riqueza de olhares e apreensões do fenômeno estudado que a abordagem qualitativa permite na pesquisa social.

Feitos os alertas sobre os roteiros, destaca-se que a depender do foco da pesquisa e o tipo de respostas pretendidas a serem obtidas com os sujeitos, estes podem ser subdivididos em: abertos; semi-estruturados; e para grupos focais.

Nos roteiros de entrevistas abertas, “[...] o entrevistador não formula perguntas predeterminadas, faz uma pergunta inicial ampla e leva o entrevistado a um processo de reflexão sobre esse tema” (RICHARDSON, 2017, p. 228). Ademais, pesquisador não deve “dirigir” o entrevistado, apenas guiá-lo incentivando-o a desenvolver e aprofundar os pontos que coloca espontaneamente que são relevantes. O roteiro utilizado nesse tipo de entrevista é aberto, de descrição sucinta e ao mesmo tempo abrangente a fim de conduzir o entrevistado a explicitar seu ponto de vista (MINAYO, 2014).

Com relação aos roteiros de entrevista semi-estruturada, Richardson (2017, p. 223) observa que “[...] aproxima-se mais de uma conversação (diálogo), focada em determinados assuntos, do que de uma entrevista formal”. Isso porque, esse tipo de roteiro deve desdobrar-se em indicadores fundamentais que contemplem a abrangência das informações esperadas.

Assim, o roteiro para entrevistas semi-estruturadas deve ser elaborado com vistas a permitir flexibilidade nas conversações, facilitando a absorção de novos temas trazidos pelo pesquisado, desde que relevantes para a pesquisa. Ainda, conforme Minayo (2014) para elaboração do roteiro de entrevistas semi-estruturadas deve-se levar em consideração algumas questões,



quais sejam:

- A forma de colocação de um item na lista deve induzir a uma conversa sobre a experiência. Numa entrevista de cunho qualitativo [...] deseja-se que a linguagem do roteiro provoque várias narrativas possíveis das vivências que o entrevistador vai avaliar; as interpretações que o entrevistado emite sobre elas e sua visão nas relações sociais envolvidas nessa ação.
- O guia de entrevista deve conter apenas alguns itens indispensáveis para o delineamento do objeto em relação à realidade empírica, facilitando a abertura, ampliação e aprofundamento da comunicação.
- Cada questão do roteiro deve fazer parte do delineamento do objeto, de forma que todos os tópicos em conjunto se encaminhem para dar-lhe forma e conteúdo e contribuam para satisfazer as relevâncias previstas no projeto (ponto de vista do investigador) e as dos informantes (ponto de vista dos entrevistados). (MINAYO, 2014, p. 191).

Salienta-se que, além dessas questões a serem consideradas, os questionamentos básicos que estruturam esse tipo de roteiro (bem como o de entrevistas abertas e de grupos focais), devem partir de fundamentos teóricos consistentes sobre o fenômeno social que “[...] oferecem um amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (TRIVIÑOS, 1987, p. 146). Deste modo, esse tipo de roteiro poderá sofrer modificações em campo, mas estas devem “[...] ser devidamente acompanhadas, constituindo-se num processo reflexivo permanente do pesquisador” (MINAYO, 2014, p. 192), sem perder o foco do objeto de estudo.

Com relação ao *roteiro de entrevista em grupos focais*, deve ter “[...] por objetivo captar, a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes e representações” (RICHARDSON, 2017, p. 229). Esse tipo de roteiro deve ser suficientemente provocador para permitir discussões entusiasmadas e participativas, além de “[...] promover condições de aprofundamento, fazendo jus ao que se pretende com essa técnica” (MINAYO, 2014, p. 193).

Para aplicação do roteiro de entrevista em grupos focais, várias formas podem ser utilizadas para iniciar o debate, que podem ser:

- (a) a formulação de uma pergunta central acompanhada de alguns itens que, durante a aplicação da técnica, possam ajudar a condução do tema rumo à focalização; (b) a escolha de um audiovisual, por exemplo, de pequena parte de um filme, abrindo uma discussão livre, no primeiro instante, e depois direcionada por perguntas ou inserções do pesquisador, a partir das falas; (c) a elaboração, pelo investigador, de um texto episódico que provoque e focalize a discussão, entre outros. (MINAYO, 2014, p. 193).

Da mesma forma, esse instrumento precisa estar bem delineado, sendo que os conteúdos desses grupos podem variar conforme os seus objetivos, dos quais:

- (a) pode ter um papel complementar, dando ênfase a alguns aspectos considerados importantes para o aprofundamento das entrevistas; (b) pode repetir as questões do roteiro para o investigador perceber como o tema é tratado diferentemente numa entrevista ou na interação grupal; (c) pode merecer um aprofundamento sucessivo, em várias sessões, tomando um caráter substantivo na dinâmica da pesquisa. Nesse último caso, os grupos focais se constituem em instrumentos únicos ou privilegiados da investigação empírica. (MINAYO, 2014, p. 193).

## 2.2. ENTREVISTA ESTRUTURADA E QUESTIONÁRIO

A entrevista estruturada e o questionário distinguem dos tipos de roteiro citados acima, especificamente pela natureza de suas questões que são de perguntas fechadas, mais voltadas para pesquisas de cunho quantitativo. Ademais, são instrumentos desenvolvidos “[...] a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número” (GIL, 2008, p. 113).

Em se tratando das vantagens, Gil (2008, p.113) destaca a “[...] rapidez e o fato de não exigirem exaustiva preparação dos pesquisadores [...]. Outra vantagem é possibilitar a análise

estatística dos dados, já que as respostas obtidas são padronizadas”. Em contrapartida, tanto a entrevista estruturada como o questionário “[...] não possibilitam a análise dos fatos com maior profundidade, posto que as informações são obtidas a partir de uma lista prefixada de perguntas” (GIL, 2008, p. 113).

Portanto, esses tipos de instrumentos podem ser muito úteis para pesquisas de levantamentos sociais, porquanto possuem questões bem diretas, obtendo do universo dos sujeitos respostas facilmente categorizáveis (SEVERINO, 2010), ou para pesquisas quanti e qualitativas, obtendo as informações de caráter objetivo e que podem ser quantificadas.

Uma das distinções entre as entrevistas estruturadas e os questionários é que a primeira detém menos impessoalidade do que a segunda, já que envolve interação entre pesquisador e pesquisado. Outro ponto é que no questionário quem escreve as respostas das questões é o sujeito, diferentemente da entrevista aberta, da qual quem transcreve as respostas é o pesquisador.

Contudo, salienta-se que ambos os instrumentos devem ser “[...] previamente testados (pré-teste), mediante aplicação a um grupo pequeno, antes de sua aplicação ao conjunto dos sujeitos a que se destina, o que permite ao pesquisador avaliar e, se for o caso, revisá-lo e ajustá-lo” (SEVERINO, 2010, p. 126), para garantir que forneça aquilo que é desejado, sem a indução de respostas.

Ante ao exposto, identifica-se que a entrevista estruturada e os questionários diferem dos roteiros de entrevistas abertas, semi-estruturadas e para grupos focais, pois enquanto os primeiros pressupõem

[...] hipóteses e questões fechadas cujo ponto de partida são as referências do pesquisador, o roteiro tem outras características. Visa compreender o ponto de vista dos atores sociais previstos como sujeito/objeto da investigação e contém poucas questões. Por vezes, num processo de pesquisa pode surgir a necessidade de elaboração de um questionário fechado para se captar aspectos gerais considerados relevantes de um problema de investigação, visando iluminar a compreensão do objeto e a

estabelecer as relações e generalizações. (MINAYO, 2014, p. 190).

Portanto, de acordo com a observação de Minayo (2014), nada impede a combinação de abordagens e métodos de pesquisa para obtenção de melhores resultados, porém faz-se o alerta para que não se confunda os tipos de roteiro com o questionário ou com a entrevista estruturada, já que correspondem a lógicas diferenciadas e específicas de aproximação com o objeto de estudo (MINAYO, 2014).

### 2.3. ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E DIÁRIO DE CAMPO

A aplicação atenta dos sentidos com o objetivo de obter determinada informação sobre aspecto da realidade, a fim de adquirir conhecimento claro e preciso, é caracterizada como observação.

A observação ganha caráter científico quando passa por sistematização, planejamento e controle da objetividade (QUEIROZ, *et al*, 2007). Ela é elemento relevante para a pesquisa, pois pode ser utilizada desde a formulação do problema até a coleta, análise e interpretação dos dados, sendo mais atuante seu desempenho na coleta de dados em campo.

Como principal vantagem, destaca-se “[...] que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação. Desse modo, a subjetividade, que permeia todo o processo de investigação social, tende a ser reduzida” (GIL, 2008, p. 100).

O ato científico de observar apresenta algumas espécies, quais sejam: a observação simples, a observação sistemática e a observação participante.

Na observação simples o pesquisador deve ser externo ao grupo ou situação a ser estudada, observando de modo espontâneo a ocorrência dos fatos. Nela, o cientista é mais espectador, por isso, é vista como observação-reportagem, logo, é útil para pesquisas de caráter público, principalmente em estudos

qualitativos, de caráter exploratório. Os sujeitos, cenário e comportamento social são itens significativos nessa modalidade (GIL, 2008).

Já a observação sistemática é utilizada para descrever precisamente os fenômenos e testar hipóteses, partindo de um plano de observação, elaborado pelo pesquisador, que não se deixa conhecer e, que sabe quais os aspectos do grupo observado são significativos para os objetivos que pretende alcançar (GIL, 2008).

Por fim, a observação participante é ativa, ou seja, é vista por estudiosos não apenas como uma estratégia, mas como um método, pois é a participação real do conhecimento na vida do objeto pesquisado. Ademais, conforme Minayo (2014) a observação participante trata-se de um processo em que se mantém a presença do observador num fato social, objetivando a realização de uma investigação científica. Logo, o observador se relaciona com os observados, participando de seu cotidiano e no seu cenário cultural, faz a coleta de dados. Assim, o observador faz parte do contexto de observação, modificando e sendo modificado por ele.

Contudo, Minayo (2014) alerta que alguns pesquisadores divergem acerca do “quê?” e “como?” observar, mas, por outro lado, reconhecem a necessidade de relativização do espaço social e que o pesquisador “se coloque no lugar do outro” para aproximar-se dos interlocutores (MINAYO, 2014).

Para tanto, indica a pesquisadora que antes de partir para a pesquisa de campo, o pesquisador deve estruturar um roteiro de observação que funcione como um guia. Nele, o investigador deve determinar “[...] o que observar? Será uma observação livre ou terá roteiro específico? Abrangerá o conjunto do espaço e do tempo previsto para o trabalho de campo ou se limitará a instantes ou a aspectos da realidade, dando ênfase a determinados elementos de interação?” (MINAYO, 2014, p. 193-194).

Analisa Triviños (1987, p. 153) que, importância da

utilização do roteiro de observação consiste no fato que:

“Observar”, naturalmente, não é simplesmente olhar. Observar é destacar um conjunto (objetos, pessoas, animais etc.) algo especificamente, prestando, por exemplo, atenção em suas características (cor, tamanho etc.). Observar um “fenômeno social” significa, em primeiro lugar, que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados, relações etc. Individualizam-se ou agrupam-se fenômenos dentro de uma realidade que é indivisível, essencialmente para descobrir os aspectos aparentiais e mais profundos, até captar, se for possível, sua essência numa perspectiva específica e ampla, ao mesmo tempo, de contradições, dinamismos, de relações etc.

Assim, a fim de que o pesquisador mantenha o foco da pesquisa, o roteiro de observação torna-se um elemento imprescindível. Conforme Minayo (2014), esse tipo de roteiro pode ser voltado para realização de observações descritivas ou dirigidas. No caso das primeiras o investigador realiza de forma mais livre, embora deva estar sempre focalizado no que constitui seu objeto de estudo. Já nas observações dirigidas, “[...] os tópicos precisavam ser formulados tendo em vista os temas que constituem o objeto de investigação e partir de alguns elementos exploratórios da realidade empírica” (MINAYO, 2014, p. 194).

Como principais vantagens da utilização dos roteiros para observação participante, Gil (2008, p. 107) assinala que:

- a) Facilita o rápido acesso a dados sobre situações habituais em que os membros das comunidades se encontram envolvidos.
- b) Possibilita o acesso a dados que a comunidade ou grupo considera de domínio privado.
- c) Possibilita captar as palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados.

Já como desvantagens, destaca as restrições do papel do investigador por desconfiança dos pesquisados e as limitações do pesquisador para se inserir no grupo (GIL, 2008). Porém, Gil (2008, p. 106) assevera que ao utilizar-se da observação participante,

O pesquisador consegue, na medida que convive com o grupo,

retirar de seu roteiro questões que percebe serem irrelevantes; compreender aspectos que vão aflorando aos poucos (o que não aconteceria em questionários fechados ou antecipadamente padronizados). Ajudando a vincular os fatos e suas representações e a desvendar as contradições entre as normas e regras e as práticas vividas no cotidiano do campo.

Nesse sentido, quanto mais ativa a participação do pesquisador, maior a possibilidade de inserção do interior do grupo, o que poderá trazer uma riqueza de dados relevantes, fundamentais para uma boa pesquisa (GIL, 2008).

Ainda, para a realização da observação participante, toda observação deve ser registrada num instrumento denominando diário de campo, que é um caderno de notas, caderneta ou até mesmo um arquivo eletrônico, que possibilita as anotações diárias pelo observador.

Assim, no diário de campo “[...] são escritas impressões pessoais que vão se modificando com o tempo, resultados de conversas informais, observações de comportamentos contraditórios com as falas, manifestações dos interlocutores quanto aos vários pontos investigados, etc.” (MINAYO, 2014, p. 295).

Ademais, durante a observação, mesmo com o roteiro bem delineado, cabe ao investigador estar atento e fazer o registro no diário de campo de:

(a) como os processos investigados se organizam na prática e como funcionam; (b) quais as incongruências entre o que é dito ao pesquisador nas entrevistas e nos grupos focais e o que é feito; (c) como se processam as relações hierárquicas, as relações entre os pares e entre opostos; (e) quais são os símbolos e sinais significativos para a pesquisa, que estão sendo emitidos e naturalizados no cotidiano em observação. (MINAYO, 2014, p. 195).

É justamente as impressões e notas que o pesquisador toma durante a observação que tornam verdadeira a pesquisa, trazendo a riqueza de elementos de análise do fenômeno social, tão fundamental no âmbito das pesquisas sociais.

## 2.4. ROTEIROS PARA ANÁLISE DOCUMENTAL

Os textos, conforme Minayo (2014), não falam por si, mas respondem as indagações dos investigadores. Isso porque, na pesquisa documental os documentos também podem ser fontes riquíssimas de informações, logo, cabe ao pesquisador decidir quais documentos e de que tipo (escritos, visuais, audiovisuais e outros), que irão ser utilizados na pesquisa.

Complementa a autora afirmando ainda que, o investigador, para a seleção adequada dos documentos, deve verificar a natureza de informações que são importantes para o estudo, que podem ser

[...] por exemplo, dados oficiais; registro dos processos em análise; relatórios de avaliação e de auto-avaliação sobre etapas e desenvolvimento do trabalho; histórias do cotidiano; orçamentos; materiais de divulgação e propaganda; comunicações entre diferentes atores, que são alguns dos [documentos] que eventualmente interessaria ao investigador procurar. (MINAYO, 2014, p. 195).

Assim, diante dessa variedade de documentos que podem ser encontrados no decorrer da pesquisa, cabe ao investigador escolher os mais relevantes, que contribuam para análise do objeto de estudo. Após selecionados os dados, cabe ao pesquisador estabelecer, através do roteiro a análise mais adequada a ser seguida, a fim de que se mantenha o foco do estudo, além de assegurar que o problema e as hipóteses sejam respondidos.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada, que teve como objetivo discutir os instrumentos de coleta de dados e sua contribuição para a pesquisa social, verificou-se que muitos são os problemas que podem ocorrer quando os roteiros elaborados para as entrevistas e observações são aplicados nas pesquisas empíricas. Isso porque, o pesquisador não consegue prever todas as possíveis situações de análise, podendo surgir, por parte dos sujeitos entrevistados e/ou observados, novas questões relevantes para a



investigação. Por esse motivo, concorda-se com a observação de Minayo (2014) que, os roteiros devem ser considerados, fundamentalmente, como dispositivos destinados a guiar a condução das entrevistas ou das observações.

Ademais, verificou-se a flexibilidade desses instrumentos, uma vez que podem ser revisados e reestruturados à medida que ocorre o andamento da pesquisa, desde que essas alterações não comprometam o objetivo final da investigação. Todavia, alerta Minayo (2014) que essa flexibilidade prevista na aplicação dos instrumentos não pode jamais ser confundida com improvisação, pois “ter de improvisar por falta de preparação pode pôr em risco todo o esforço teórico que deve acompanhar, passo a passo, a realização da pesquisa” (MINAYO, 2014, p. 196).

Já com relação a descrição para elaboração dos roteiros – para entrevistas abertas, semi-estruturadas e com grupos focais; bem como para entrevistas estruturadas e questionários; para observação participante e diário de campo; e para pesquisas documentais – identificou-se que todos os instrumentos possuem, em certa medida, neutralidade, pois são estruturados de acordo com a necessidade do pesquisador. Ademais, para a seleção destes, deve-se considerar o método de apreensão do objeto de estudo escolhido pelo investigador, a abordagem e o polo epistemológico, estruturando-os de acordo com a perspectiva teórica-metodológica acerca do fenômeno. Ressalta-se nesse sentido, que o pesquisador pode combinar diferentes instrumentos em seu estudo, a fim de apreender as múltiplas determinações do objeto social em análise.

A guisa de conclusão, identificou-se que todos os instrumentos, sejam eles elaborados com enfoque direcionados para pesquisas de abordagem quantitativa ou qualitativa, são de suma importância para a pesquisa social, porquanto permitem diferentes compreensões sobre os objetos de estudo na área social.



## REFERÊNCIAS

- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GROULX, Lionel-Henri. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- QUEIROZ, Danielle Teixeira; *et al.* Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. *Revista de Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 15, nº 2, p. 276-283, abr/jun, 2007. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>. Acesso em: 21 set. 2019.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez Editora, 2010.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.